



O Poder da Magia Negra na ÁFRICA MODERNA

Por trás dos ornamentos modernos, os feiticeiros e curandeiros continuam a exercer assombrosa influência no pensamento de milhões de africanos

Robert Coughlan

Quando uma baleia foi dar à praia e morreu na costa africana perto de Acra, por que o Presidente Kwame Nkrumah, de Gana, e os ministros do seu govêrno deixaram os seus gabinetes e compareceram ao funeral do cetáceo?

Por que na região dos Bacubas, no Congo, centenas de pessoas tomaram conscientemente veneno e morreram?

Os partidários leais do exilado rei de Buganda, deixando crescer a barba em sinal de protesto contra a sua ausência, raspam-na numa cerimônia pública por ocasião do seu regresso, com a intenção de encher com os pêlos uma almofada para o trono real. Por que mudaram de idéia?

Em todos êsses casos, a explicação é essencialmente a mesma: "Magia". Os pormenores são os seguintes:

Para os habitantes das aldeias da costa de Gana a baleia é um rei do mar, semidivino, devendo o seu corpo ser guardado com grandes honras como uma relíquia. Convenientemente lisonjeado e aplacado, o espírito da baleia ajudará os pescadores locais.

O povo bacuba, suspeitando de uma proliferação de feiticeiros e feiticeiras no seu meio, organizou um julgamento por meio de veneno. As pessoas acusadas se mostraram dispostas a tomar o veneno, pois se escapassem ficaria provada a sua inocência. O fato de haverem morrido

Condensado de "Life"

centenas demonstrou apenas que estava certa a suspeita inicial; estavam de fato perigosamente infestados de feiticeiros.

Os partidários do rei de Buganda, pensando bem, lembraram-se de que se os inimigos políticos se apoderassem da almofada poderiam tirar os pêlos das barbas e utilizá-los como ingredientes de um feitiço fatal contra os seus antigos portadores. Chegaram à conclusão de que a segurança era melhor do que o arrependimento.

É uma pena que essas explicações pareçam a muita gente do Ocidente apenas pitorescas ou divertidas. Na realidade, a sua significação para o mundo é da maior importância.

Na Assembléia Geral das Nações Unidas, as nações africanas já formam o bloco isolado mais numeroso. Em 1962 abrangerão quase um terço das nações filiadas. Assim, naquele corpo, os votos africanos poderão ser decisivos. Além disso, as relações internas e externas das novas nações da África Negra são extremamente notáveis e poderão com facilidade produzir futuras agitações—como as do Congo. Nestas condições, o que se passa na mentalidade africana é muito importante, devendo-se compreender que pode não ser o produto de um raciocínio lógico, tal como é compreendido no Ocidente. Ao contrário, é quase sempre produto de influências mágicas.

Encontram-se, sem dúvida, vários líderes africanos aos quais tais con-

siderações não se aplicam. Homens como Julius Nyerere, de Tanganhica, Tom Mboya, do Quênia, Leopold Senghor, do Senegal, e Sir Abubakar Tafawa Balewa, da Nigéria, são espíritos refinados, que podem figurar de pleno direito em qualquer meio intelectual. Mas ainda nos mais adiantados países da África só uma fração mínima da população tem qualquer espécie de educação superior. E a dose de superstição que às vezes persiste até nessa minoria pode deduzir-se de certos exemplos espetaculares:

● O Ministério da Justiça da Libéria abriu um inquérito oficial para apurar as acusações de que Edwin Barclay, candidato derrotado nas eleições presidenciais de 1955 ali realizadas, havia importado um feiticeiro da Nigéria para fazer um feitiço fatal de *juju* contra o Presidente William Tubman.

● Bradford Phiri, secretário fundador da seção da Niassalândia do Partido Moderado da África Central, renunciou ao cargo, convencido de que uma praga fôra lançada contra êle pelos homens do Partido do Congresso, extremamente nacionalista, chefiado pelo Dr. Hastings Banda.

● Um dos destacados intelectuais de Gana, aparentemente ocidentalizado e formado por uma famosa universidade inglesa, fugiu apavorado do país para livrar-se de uma maldição de *juju* que teriam lançado contra êle alguns dos homens do Presidente Nkrumah.



*Um curandeiro cumpre o antigo ritual de deitar ossos.
Êstes, de conformação primorosamente entalhada, revelam ao adivinho segredos do futuro*

Quanto às massas africanas, não há dúvida de que a magia desempenha um papel importante em sua vida. Até os cristãos professos conservam quase sempre algumas das suas velhas crenças, misturando a

magia do branco e a magia do prêto de acôrdo com as suas necessidades e inclinações pessoais. As igrejas indígenas exercem alguma influência quanto à alfabetização e em geral alguma identificação com a moral

FOTO DE P. SMITH BLACK STAR

cristã, mas o cristianismo de qualquer espécie, compreendendo as mais bizarras seitas locais, representa no máximo 20% da população preta. Talvez 18% sejam maometanos. Os 62% restantes vivem inteiramente às voltas com os deuses locais e com desejos e mêdos primitivos.

Assim sendo, o líder africano educado, como os políticos de qualquer lugar, desenvolve a sua ação dentro do quadro das convicções populares. Em alguns casos, as velhas superstições são utilizadas de maneira extraordinariamente inescrupulosa. Quando o Dr. Banda, depois de passar 40 anos no exterior, tomou o avião para Niassalândia a fim de tomar a frente do movimento de independência local, as delegações indígenas lhe perguntaram se êle era Aquêle que as antigas lendas profetizavam que desceria do céu para libertar os niassas do domínio estrangeiro. O Dr. Banda, que fizera parte das universidades de Chicago e Edimburgo, solenemente lhes assegurou que êle era de fato o "Grande Kamuza" e devia ser obedecido.

Do mesmo modo, quando Nnamdi "Zik" Azikiwe, cacique político da populosa e importante Nigéria, se desentendeu com um dos seus auxiliares, sugeriu que ambos resolvessem a sua divergência submetendo-se ao juramento do "Igbangdu" (do qual faz parte o mútuo chupar do sangue), temido e respeitado na tribo de ambos. (Atribui-se à recusa do auxiliar a sua catastrófica derrota diante de Zik nas primeiras

eleições que se realizaram.) Entretanto, Azikiwe cursou três universidades dos Estados Unidos, é diplomado em Antropologia e é metodista.

É decerto fácil às nações brancas, esquecidas das próprias crenças irracionais, dizerem que tudo isso indica atraso racial. Contudo, as crenças africanas possuem na realidade um forte grau de lógica interna. De fato, como outrora salientou Freud, formam uma fé admiravelmente satisfatória porque fornecem uma resposta aparentemente racional para tudo.

O animismo, como em geral se chama a crença africana fundamental (da palavra latina *anima*, que significa alma), julga que tôdas as coisa vivas ou inertes—uma pedra, uma árvore, um animal—têm um eu interior invisível que as torna o que são. Êsses eus interiores são conscientes; têm sentimentos e podem vingar-se quando são perturbados. Se um homem quiser tirar uma pedra do lugar, deverá fazer alguma coisa para tornar propício o espírito que vive na pedra, do contrário lhe dará má sorte. Quanto maior a pedra, maior será a maldição—e o mesmo se aplica a rios, árvores, florestas e nuvens de trovoadas.

Acreditando nessa universal realidade interior, o africano considera indiscutível a imortalidade humana. Depois da morte material, a alma humana vai para o céu durante algum tempo, mas depois volta para

residir dentro da cabana familiar ou nas suas imediações e esperar a reencarnação na família como criança. Na sociedade africana o recém-nascido não "sai" ao parente extinto; *êle é* êsse parente.

O africano se situa no meio dessa multidão espiritual com um misto de esperança e de receio. Desde que acredita que o procedimento dos espíritos pode sofrer a influência das ações humanas, é claro que, se puder conquistar-lhes a aliança, conseguirá o que deseja e poderá até destruir os seus inimigos. Mas, inversamente, um inimigo que ganhar domínio sobre êles poderá desbaratá-lo e destruí-lo. É por isso que o africano não cai simplesmente doente; em vez disso, é um espírito ou fôrça oculta, em geral a serviço de um humano, que *faz* a doença atacá-lo. A própria morte, longe de ser inevitável, nem é normal às vêzes. Morre-se porque outra pessoa tomou providências nesse sentido. É por meio da magia que se manobram essas fôrças invisíveis.

O feiticeiro ou *homem do juju*, que se especializa na magia para fazer o mal, tem um vasto repertório. É perito em venenos, pós e poções. Pode, por exemplo, estender um rasto de pó branco em tórno da cabana de uma vítima: "Sabe-se de casos em que a simples vista dêsse pó causou a morte de homens", diz o Dr. Edward Perrinder, do King's College de Londres, autoridade em religiões africanas. O feiticeiro pode também matar, apontando apenas

para a sua vítima com um osso mágico, em geral humano. Pode transformar-se num animal selvagem ou operar essa transformação em outra pessoa. Na África Oriental, principalmente, tem havido surtos periódicos de assassinatos por "homens-leões", criaturas humanas vítimas de uma alucinação, que o feiticeiro mantém em cativeiro, adestra para matar à maneira de um leão, e solta — munidas de aceradas garras de ferro — para estripar a vítima indicada em algum beco escuro ou num caminho do mato.

O feiticeiro extrai os ingredientes para os seus sortilégios de fontes de tôda a espécie. Alguns dêles — feixes de gravetos ou sacos de pedrinhas — parecem inteiramente inofensivos aos olhos dos que não são iniciados, ao passo que outros, tais como ratos secos e intestinos de animais, não servem para as pessoas requintadas. Sendo a vida humana o artigo mais precioso, não é de espantar que a magia mais poderosa exija carne e sangue humanos.

Dessa maneira, continua a haver homicídios rituais. Alguns são cometidos para assegurar uma boa colheita. Apenas a alguns quilômetros da cintilante e moderna cidade de Abidjan, capital da Costa do Marfim, os habitantes ainda matam regularmente criancinhas, estripando-as e jogando-as ao mar no comêço da estação da pesca. É provável que a razão mais freqüente para os homicídios rituais seja, porém, a necessidade de conseguir ingredientes

para os chifres medicinais. Trata-se de chifres de algum animal, em geral de alguma variedade de antílope, que se enchem com coisas como gordura de leão, sangue de crocodilo, veneno de cobra, garras de morcêgo e cérebro de gente em diferentes misturas, calculadas para produzir certos efeitos mágicos. Na Nigéria, no ano atrasado, muito mais de 200 crianças desapareceram, muitas das quais, presume-se, foram mortas pelos feiticeiros.

Ameaçado de todos os lados pelas forças do mal, o africano viveria em constante pavor se não fôsem as forças compensadoras manobradas pelo curandeiro ou *nganga*. Os forasteiros confundem em geral o papel do curandeiro com o do feiticeiro, mas na realidade trata-se quase sempre do contrário. A magia do curandeiro é protetora, benéfica e "branca", ao passo que a do feiticeiro é "negra". Por motivos evidentes, o *nganga* é um homem de prestígio na comunidade, quase igual ao chefe. É freqüentemente um médium de transporte e, quase sempre, um adivinho. É também perito em descobrir e anular a magia negra, em fabricar talismãs, anéis e amuletos benéficos, propícios e protetores, nas variedades e usos de chifres mágicos, danças, cânticos, máscaras e encantamentos, bem como nas aplicações de uma complicada farmacopéia de ervas, frutos e outras substâncias naturais.

Não é raro que a magia, tanto a negra quanto a branca, produza real-

mente efeitos no comportamento e na saúde humana. Como se pode explicar lógicamente isso? A bagagem do curandeiro contém alguns artigos que têm valor médico, do mesmo modo que a do feiticeiro contém alguns venenos verdadeiros. Mas é claro que os efeitos se devem principalmente à capacidade humana de sugestionar-se. Se a vítima sabe do feitiço—e a pessoa interessada nunca deixa de encontrar um meio ou outro de dar-lhe a notícia—e acredita na sua fôrça, sofrerá o seu efeito salvo se ficar convencida da sua capacidade de recuperar-se. Essa convicção lhe é proporcionada pela magia "branca" do curandeiro. O mecanismo psicológico em ação é o mesmo que produz as "curas" espetaculares relacionadas com a hipnose e com a terapêutica espiritual em outras sociedades.

O progresso na África é lento... mas chega. Há 30 anos, quando os ingleses resolveram drenar a imunda Lagoa Korle, em Acra, para transformá-la num pôrto saneado, a população que vivia em tórno da margem da lagoa revoltou-se e o pôrto teve de ser construído bem mais para cima na costa, em Takoradi. A população de Acra rebelou-se porque temia que o espírito da lagoa a perseguisse por perturbar o seu domínio. Entretanto, há poucos meses, quando o govêrno (que agora, naturalmente, é ganense e prêto) divulgou os seus planos de fazer a mesma coisa, houve muito pouca objeção por parte do povo e até do sacer-

dote que serve o espírito da lagoa.

É indubitável que a magia continuará a desempenhar importante papel nas atitudes dos africanos para com o resto do mundo. Diante disso, qual deve ser então a orientação do *Ocidente* em relação a essa força peculiar da África?

A melhor regra para um longo

período parece ser: "Esperar e educar." Quanto aos anos próximos, o mais útil é simplesmente compreender de maneira cabal que nas relações com as nações da África Negra é possível deparar direta e constantemente com as forças da superstição. O melhor é reconhecer êsse fato... e esperar pelo melhor.



Tributários Renitentes

FISCAL do impôsto de renda examinando a conta de despesas de um contribuinte:

—Vamos examinar item por item, ou você prefere entregar logo os pontos?

—John Dempsey, em *Look*

CONSULTOR de impostos a contribuinte:—Escrever "Deixei de ser responsável pela dívida do govêrno do meu país" não adianta.

—Chas. Skiles, em *The Christian Science Monitor*

HOMEM a funcionário do impôsto de renda:—Insisto, cavalheiro: os pais da minha mulher *são* uma instituição de caridade reconhecida.

—Richter, King Features

CRIANÇA ao pai, que está lendo uma história para ela dormir:—Quando a abóbora dela se transformou numa carruagem de ouro, ela lançou isso simplesmente como rendimento ou como juros sôbre o capital?

—Salo, Chicago Tribune-New York News Syndicate

DESEMBARCANDO na Lua, astronauta a outro enquanto estudam papel entregue a êles por homenzinhos:—Pelo que posso deduzir, é uma espécie de formulário do impôsto de renda para não-residentes.

—Robert Day, em *True*



Vidas Abridadas

UM CAMARADA consciencioso de Washington achou que era melhor construir um abrigo antiaéreo na sua propriedade, e entrou com o pedido de licença. Seu requerimento foi indeferido na primeira vez porque o projeto violava às posturas referentes à zona: não tinha janelas.

—Ed Koterba, United Feature Syndicate

UM CONSTRUTOR achou que abrigos contra poeira atômica aumentariam o valor das casas, e colocou-os em algumas que construiu. Mas não tiveram saída. Só quando êle mudou o nome e passou a chamá-los de "adegas" foi que os fregueses mostraram algum interêsse.

—Register de Des Moines